

A ARTE DE INVENTAR MAPAS: CARTOGRANDO SUBJETIVAÇÕES EM UM PESQUISAR

EL ARTE DE INVENTAR MAPAS: CARTOGRAFANDO SUBJETIVACIONES EN UN PESQUISAR

THE ART OF INVENTING MAPS: CARTOGRAPHING SUBJECTIVITIES IN RESEARCHING

RODRIGUES, Carla Gonçalves
cgrm@ufpel.edu.br
Universidade Federal de Pelotas
<http://orcid.org/0000-0001-8642-8005>

SCHWANTZ, Josimara Wikboldt
josiwikboldt@hotmail.com
Universidade Federal de Pelotas
<http://orcid.org/0000-0002-8298-0502>

OSÓRIO, Lisandra Berni
lisabosorio@gmail.com
Universidade Federal de Pelotas
<https://orcid.org/0000-0002-5665-1377>

RESUMO Nosso objetivo é apresentar duas pesquisas qualitativas com abordagem cartográfica em Educação, as quais acompanham os processos de subjetivação de suas personagens. Amparamo-nos nas transformações de uma pedagoga em seu percurso no aprender inventivo em Oficinas de Escreleituras; e pelas mudanças na prática Clínica de uma psicóloga que percorre modos subjetivos de universitários. Navegamos pelo fluxo sensível do método, por meio do movimento do pensamento e desenhando aquilo que Deleuze e Guattari denominam de mapas: percursos pelos quais são produzidos, construídos, desmontados, modificáveis com suas variadas entradas e saídas. Dessa forma, desenhamos um espaço composto por trajetos e afectos que produzem outras formas do fazer docente e de um processo terapêutico, nas sendas de uma escuta e um olhar sensíveis ao mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Cartografia. Educação. Escreleituras. Filosofias da diferença. Subjetivação.

RESUMEN Nuestro objetivo es presentar dos pesquisas cualitativas con abordaje cartográfico en Educación, las cuales acompañan los procesos de subjetivación de sus personajes. Nos amparamos en las transformaciones de una pedagoga en su trayecto en el aprender inventivo en Talleres de Escrelecturas y por los cambios en la práctica clínica de una psicóloga que se mueve entre modos subjetivos de universitarios. Navegamos por el flujo sensible del método por medio del movimiento

del pensamiento, dibujando aquello que Deleuze y Guattari denominan mapas: trayectos por los cuales son producidos, contruidos, desmontados, modificados con sus variadas entradas y salidas. De esa forma, dibujamos un espacio compuesto por trayectos y afectos que producen otras formas del hacer docente y de un proceso terapéutico, en las sendas de escuchar y mirar de manera sensible al mundo contemporáneo.

Palabras clave: Cartografía. Educación. Escrituras. Filosofías de la diferencia. Subjetivación.

ABSTRACT Our aim is presenting two qualitative researches with a cartographic approach in Education, which follow the processes of subjectivity in its characters. I rely on the transformations of a Pedagogue in her itinerary of inventive learning at reading - writing workshops; and on the changings in Clinic practice from a Psychologist who goes through ways of university subjectivities. We sail through the sensitive flow of method, through the movement of thinking and designing what Deleuze and Guattari call maps: paths which are produced, constructed, demounted, changeable with its various entrances and exits. Therefore, we designed a space composed by routes and affections that produce other ways of teaching and of a therapeutic process, in the trails of a hearing and a sensitive look to the contemporary world.

Keywords: Cartography. Education. Writing - Reading. Philosophy of Difference. Subjectivity.

1 INTRODUÇÃO

Mapas: há vários. Durante a escolarização, somos colocados em contato com eles, pois povoam a história e, sobretudo, a geografia. Esses instrumentos têm a finalidade de representar um espaço, ou seja, tornar abstrato, através de um desenho geométrico, aquilo que existe na realidade. Tais mapas tendem a capturar a forma dos lugares e aquilo que, visto por olhos desatentos, parece estático. Porém, há ainda coisas que escapam à possibilidade de captura e formas de expressão. Calvino (2017) percebe o quão difícil é colocar no papel o caminho das andorinhas que cortam o ar sob os telhados, performatizando trajetos com suas asas, subindo e descendo, posicionando-se sobre os pontos altos de uma cidade, perfazendo trilhas aéreas.

Assim, havendo na natureza aquilo que é possível de ser escrito, há também algo que foge, à maneira do voo da andorinha ou mesmo da palavra, que não consegue contar um acontecimento, devido à sua imprevisibilidade. Nessa direção,

encontramos outras maneiras de traçar mapas. Neles, colecionamos eventos que, por serem novos e arrebatadores, ainda não apresentam uma narrativa exata, uma fórmula certa ou uma forma acabada. Caracterizados por sua incompletude, então, resta algo que diga do seu processo, e não de seu fim ou começo.

É como que perseguindo o voo de uma andorinha que temos realizado nossas pesquisas educacionais, visando acompanhar o movimento que o pensamento faz quando se põe a pesquisar. Cartografamos à espreita das inúmeras forças que influenciam um percurso. Navegamos pelo fluxo sensível do método, desenhando aquilo que Deleuze e Guattari (1995, p. 32) denominam de mapa, que “deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga”.

Com o objetivo de acompanhar as diferenciações subjetivas em curso, a cartografia captura instantes de rupturas, catalisa movimentos de passagens em que metas e análises se delineiam durante todo caminho. Desenhamos um espaço composto por pontos e linhas que dizem das paradas e dos deslocamentos relativos a um percurso. Tais ações formam um plano extensivo no mapa. Referem-se às superfícies de um território material corporificado. Esse plano deve ser compreendido em conjunto com o mapa intensivo, em sua sobreposição, pois é desta que surgem as densidades e os devires que se passam entre as paradas, dando a ver os trajetos de um pesquisar (DELEUZE, 2013b). São as forças que impulsionam os movimentos. Trata-se de afectos, daquilo que preenche o espaço, um devir que faz a imobilidade de um lugar se modificar para uma viagem, bem como de vazios que criam respiradouros, paradas necessárias para que sigamos percorrendo voos. Ambos os mapas, extensivos e intensivos, têm uma relação de mutualidade (DELEUZE, 2013b).

Nesta perspectiva, este trabalho constitui-se na articulação de duas investigações em Educação que operaram com o método cartográfico, perpassando pelo plano comum entre elas: a subjetividade. Ela enlaça as formas de existência das pesquisadoras, sobrepunhando os modos costumeiros de seus fazeres, cujo ponto em comum foram os processos de subjetivação (GUATTARI, 2012) por elas desencadeadas quando em contato com um coletivo de forças.

Amparamo-nos nas transformações de uma pedagoga em seu percurso no aprender inventivo em Oficinas de Escrita, e pelas mudanças na prática Clínica

de uma psicóloga que percorre subjetivações de universitários em interface com as aprendizagens no ato de escrever. Os mapas produzidos, na coemergência de seus deslocamentos e afecções, bem como no acesso ao vivido, com olhar ampliado de um pesquisar que se faz em meio à vida, possibilitou o desenho de uma rede de vetores que produziram variações na subjetividade, tanto das pesquisadoras quanto dos envolvidos (participantes). Modulações afetivas e intensidades do presente ganharam espessura, podendo trazer algo novo nos limiares dos territórios existenciais, sem incorrer em interpretações que intentem conclusões homogêneas, sobretudo com o sentido de que “a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 73).

2 TRANSFORMAÇÕES DE UM APRENDER

Na pesquisa que teve por título “Biografemário de um aprender: escreleituras em meio à vida” (SCHWANTZ, 2017), acompanhamos as variações de um aprender de crianças estudantes do 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública e de uma professora-pesquisadora, participantes das Oficinas de Escreleituras¹, na ação de ler-escrever em meio à vida. Analisamos estratégias de enfrentamento dos problemas educacionais no que tange à expansão das práticas de leitura e de escrita na escola. Diante do exposto, pretendemos, neste texto, focalizar no método, dando visibilidade àquilo que conseguimos acompanhar como experiência acerca de um saber que emerge, na abertura e na construção de um território em educação (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2014).

Dirigindo-se a ideia de que para escrever deve haver uma necessidade (DELEUZE, 1999), a professora cartógrafa mostra, na escrita, as variações ocorridas na sua aprendizagem na qualidade de leitora e de escritora, traçando um ponto de aprendiz-leitora em seu mapa. Na perspectiva adotada do próprio método, não somente de trajetos se formam os mapas, mas de afectos que são devires

¹ As Oficinas aconteceram na circunstância do Projeto de pesquisa, ensino e extensão intitulado *Escreleituras: um modo de ler-escrever em meio à vida* (CORAZZA, 2011), do Observatório da Educação, e financiado pela CAPES (2010-2014).

estabelecidos nas forças imbricadas na relação de dois ou mais corpos (humanos ou não), possibilitando um vir a ser outro em si mesmo. Estes afectos surgem em função das intensidades que se reverberam num corpo. O devir se integra na potência de um impessoal, deixando expandir as variações do meio em que se relaciona, exalando uma heterogeneidade em que já não é mais possível distinguir-se daquilo que se torna (SCHWANTZ, 2017).

Assim, a professora de que trata a pesquisa não faz referência à autora, mas à própria manifestação de um devir-professora, como uma expressão singular que atua por meio de uma personagem que é traduzida durante a própria trajetória de constituição cartográfica da investigação. A primeira pessoa verbal movimenta a literatura a fim de potencializar a escrita. O *Eu* se torna *nós* na composição de escrituras que são ora singulares, ora coletivas.

Opera-se por esta pessoa para dizer dos acontecimentos e das forças advindas dos campos extensivos e intensivos que acionaram um aprender em escreituras. Ocupa-se menos da narração de fatos memorialísticos e mais da busca pelo criar cenários de visibilidades no ato de inventar e fabular uma vida professoral, que aprende na passagem entre o real e o imaginário.

Mas há, ainda, a terceira pessoa verbal que atua nesta composição escrita. Uma professora. *Ela* é a personagem escolhida. Trata-se de uma figura subjetiva aparente devido às forças impelidas pelas circunstâncias que regem uma vida docente e seus percursos, levando a transformações constantes dos modos como se relaciona com seus alunos, lê, escreve e se expressa.

De acordo com Deleuze (2013b, p. 87), “uma lista de afectos ou constelação, um mapa intensivo, é um devir”, tornando-se um meio em que se determina a existência de um personagem. Desse modo, a professora cartografou as transformações envolvidas na relação de um saber/fazer da leitura e da escrita dos estudantes na escola. Traz como questão problematizadora: Como são realizados os processos do aprender dos estudantes e da professora junto às Oficinas de Escreituras?

A professora, também pesquisadora, na ação de cartografar, se põe a observar no instante em que os acontecimentos se fazem. De igual forma, coloca-se a escrever e ler em função desses acontecimentos, por vias filosóficas, artísticas e científicas.

Realiza uma dobragem de si sobre o conceito a que se dedicou a estudar – o aprender --, demonstrando possibilidades de desapego aos métodos na construção de um aprender sensível aos signos que se passam na experimentação das escrituras (DELEUZE, 2010).

Nesta pesquisa, fabula um método a partir da necessidade de encontrar brechas para dizer daquilo que inquieta: o ambiente escolar que aprisiona um corpo docente e um corpo discente, a aprendizagem que não se efetiva pela resina produzida por um corpo paralisado, desmotivado, sendo impeditivo da passagem dos signos. Na arquitetura de um plano para criar seu próprio método, revira antigos cadernos em meio às rasuras de uma escrita em diário passada e esquecida como “o próprio indizível pessoal” (BARROS, 1996, p. 27). Nesta captura, para além das recordações de uma memória depositada em folhas coloridas, tem a ideia de compor um *biografemário*, um caderno que teve por propósito a escritura enquanto registro deste acompanhamento, a partir do ínfimo de um olhar pesquisador sobre uma vida de professora e de estudantes que experimentam ler-escrever como via de mão dupla. Considera um processo a ser analisado por onde um aprender pode ser efetivado.

Este material, numa espécie de caderno de notas, contribuiu para planificar uma cartografia ao redor da composição de subjetividades, através dos caminhos extensivos e intensivos trilhados. Pelas formas e pelas forças foram desenhados os percursos de uma professora-que-aprende em meio aos estudantes.

Figura 1: Superposição do mapa extensivo (trajetos) e do mapa intensivo (affectos)



Fonte: Schwantz, 2017.

O primeiro plano, o dos trajetos, refere-se aos lugares de superfície, de um território corporificado, das trajetórias histórico-mundiais pelas quais a professora passou em seu andarilhar: a literatura, o *biografemário*, a escola, a sala de aula, o Projeto Escriteuras etc. Não se refere à extensão de um interior, mas à maneira pela qual a trajetória é determinada levando o espaço exterior a diferenciar-se (DELEUZE, 2006). Todos esses pontos de parada surgem como matérias de um aprender que modificou uma subjetividade professoral: aluna-professora-aluna; pesquisadora; aspirante-escritora; nômade; pirata-professora; que-fabula; nômade-que-fabula.

Já o segundo plano constituiu-se pelas intensidades. São forças (affectos) que dizem daquilo que preenche o espaço, alterando-se, cada vez mais, na imagem do corpo. Esse plano é devir que se faz do imaginário e do real, faz da imobilidade de um mesmo lugar tornar-se uma viagem; é o trajeto que possibilita o imaginário ser devir: criança, abelha, professora nômade, poeta e escritora. Este plano implicou em uma distribuição de intensidades que foram desenvolvidas em um campo extensivo, concebido pela condição da experiência de uma professora-que-aprende.

Cada pesquisa cartográfica adquire sua singularidade. Esta, na instalação dos seus mapas, capturou a transformação de um aprender docente em torno dos modos

como lê e escreve, *Ela* e os estudantes. Como composição de resultados, tratou de detectar suas trajetórias para compreender se são possíveis de servir de detectores de novos universos de referências (DELEUZE, 2013b) para uma temática desbravada no campo educacional.

Entendeu que um aprender é incapaz de se tornar generalizável, pois o modo de o tornar possível varia a partir do espaço, do tempo e do lugar que ocupamos. Para tal, conseguimos alcançá-lo na decifração de signos, no tempo de escuta do corpo, no ato de criar problemas, no pensamento sem imagem e em esrileituras, onde se apostou na potência das passagens de vida como matéria de escrita e leitura. Num cartografar, variamos em muit@s personagens, cores, sons, gestos. Diferenciamos pelo tanto que caminhamos e pelas circunstâncias que se oferecem na medida em que escolhemos determinados pontos de parada e/ou de seguimento em nossas pesquisas. Uma docência se estabelece pela educação, mas se dissipa pelo mundo e por devires. O método auxiliou a dizer sobre um procedimento que redescobriu um tempo que reuniu o sentido ao signo emitidos nesta travessia cartográfica.

3 SUBJETIVAÇÕES DE UMA VIDA A PESQUISAR

O contemporâneo nos arremessa para lugares duros, em que a égide do capital e o domínio de relações virtuais nos distanciam em larga medida, dos encontros com o outro, sobretudo quando se vivenciam depressões, vazios, perdas e solidões. A ordem dos discursos dada para uma estrutura, institucional ou subjetiva, não dá conta da invenção de mundos para poder existir. Desde um lugar como psicóloga da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEl), foi possível perceber novas subjetividades, interpelando o suposto saber e instrumentos de escuta, como que transfigurando a experiência psicoterapêutica com alunos, provocando outras incursões que possam atender as demandas para além de seu aprender, perpassando suas dores emocionais e os modos como vêm sendo produzidos social e historicamente.

O estudo dissertativo intitulado “Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de esrileituras” (OSORIO, 2016), realizado nos anos de 2014 e 2015, intrigado com o aumento de 82% no índice de não aproveitamento

acadêmico de bolsistas da PRAE na UFPel, entre 2012/2 a 2013/2, teve como objetivo capturar modos de subjetivações em interface com o aprender em meio à vida universitária. Dessa forma, diante de um contexto educacional em transformação, face às novas formas de ingresso no Ensino Superior e crescentes diversidades socioculturais, uma psicóloga, implicada no campo da saúde mental estudantil, perscruta as subjetivações emaranhadas no aprender estudantil, perpassando por sua própria (des)aprendizagem, haja vista que, como nos fala Kastrup (2007, p. 225), “aprender a aprender é, então, também paradoxalmente, aprender a desaprender”.

Nas sendas das Filosofias da Diferença, buscou em Gilles Deleuze (2000; 2010), na gênese do ato de pensar no próprio pensamento e na contingência do encontro com os signos que o força, uma aprendizagem produtora de sentidos; e em Félix Guattari (2012) uma concepção de subjetividade que se distancia da centralidade do indivíduo e das hegemonias de um inconsciente representativo, mas que remete, contudo, a um conjunto de condições de multiplicidades que torna possível que instâncias individuais e coletivas encontrem-se em posição de emergir como território existencial, em intensidades intersubjetivas junto a um *socius* (OSORIO, 2016).

Perfilou por entre territórios da Universidade, traçou um plano de consistência deleuze-guattariano e, em devir-caçadora, foi em busca de solos e horizontes que pudessem dar conta de seu problema: como as subjetivações estudantis emergem do meio das relações estabelecidas entre vida e aprender? Adotou, dentre os procedimentos, o ato de colher os dados através de uma análise documental e de uma intervenção de grupo. A análise esteve no meio, no entre modos subjetivo-discente e suas pistas enunciadas por documentos, leituras, escrituras, desenhos, ditos, silêncios, expressões de um devir que deflagraram transformações permanentes no mundo universitário.

Inventou mapas, desejando dar imagens ao pensamento de uma vida que se põe a pesquisar. A coemergência dos planos de conteúdo e de expressão e os signos foram construindo o insólito, mas que não fossem uma repetição de algo já dado e, sim, invenção. Assim, enquanto ela percorreu movimentos analíticos, foi se transformando e pôde ir tecendo uma cartografia [do desassossego] em que pesaram suas linhas molares, moleculares e de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2012), em

velocidades que estiveram a variar continuamente, imbricadas com a dança que compusesse a análise, de modo que esta não estivesse num ponto fixo determinado; ela estaria tramada nas tranças de escrituras que vão surgindo conforme o acontecer do pensamento.

A personagem que entra como *psicóloga* foi se transformando em *psicóloga-pesquisadora*. Realizou, no primeiro ano de pesquisa, em 2014, uma análise documental (LUDKE; ANDRÈ, 1986) com 557 alunos bolsistas da PRAE que não obtiveram aproveitamento acadêmico em 2013/1. Medir, sob o enfoque cartográfico, “é encontrar os pontos de fissuras e de quebra nas formas constituídas, acessando um plano de quanta de força em luta, imprevisível em seus efeitos (quali). É também intervir no presente dessas lutas” (CÉSAR, SILVA; BICALHO, 2014, p. 365). Nessa perspectiva, desenvolver um levantamento de dados, menos que esquadrihar verdades, engendrou um plano de inseparabilidade entre formas e forças, em que a diferença de quantidades descortinou qualidades, emergindo territórios existenciais que denunciaram sua natureza caleidoscópica (OSORIO, 2016).

Entre os resultados quantitativos, destaca que o sofrimento psíquico discente contrasta do aproveitamento de 2013/1 entre ter (27,2%) ou não (35,3%) acompanhamento psicológico, encontrando-se a depressão e a ansiedade ligadas à falta de confiança na capacidade de desempenho e desencadeamento de distúrbios psicossomáticos. O índice de infrequência em 2013/1 (61%) ganha protagonismo e, aliado ao de reopção (11%), demonstram as dificuldades discentes para se vincular à Instituição, pois a “falta de base” do aluno pode levar a reprovações e até ao abandono do curso, em que o desempenho pode ser um preditor da permanência (ADACHI, 2009).

Não obstante, a personagem que se põe a pesquisar, ao ir à caça de subjetivações no universo estudantil, percebe-se aprendiz tanto quanto os alunos. Por isso, se uma frágil saúde, como afirma Deleuze (2013b), dá acesso ao vivido, pois aquilo que é irrespirável e extenuante produz aberturas ao devir, isso põe a pensar que o aluno cansado ou mesmo em adoecimento, por vezes, encontra-se sensível às experiências e à criação de mundos. A subjetivação seria a própria fuga nas linhas cartográficas no percurso da investigação.

A realização de um grupo por meio de oficinas investiu na transformação, com as escrituras (CORAZZA, 2011), para que pudesse oportunizar espaço de expressão aos alunos e à personagem, que ali se transformou em *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*, uma vez que estabeleceu uma relação não hierarquizada com eles. A personagem fundamentou seu fazer na experiência compartilhada pelo plano coletivo, traçando uma rota de fuga para que expressões subjetivas pudessem irromper o campo problemático. Encontros com alunos, matérias, textos, sala, afectos, fazem transversalizar a criação de novas formas de existência. O aprender torna-se, com mais potência, indissociado dos modos de subjetivação.

Ela articulou invenção com subjetividade e cartografia, contexto que fez emergir um campo que é do vivido, dos sentidos, das sensações, convocando para a ação do pensar e do escrever: experimentações em escrituras como uma condição para a aprendizagem. Engedrou uma produção textual de fruição que se encontra aberta à multiplicidade de acoplamentos que o leitor [discentes e *psicóloga-pesquisadora-aprendiz*] pudesse construir, transformando a escrita e a leitura em uma invenção. Nesse ato de criação textual, ressonâncias de três áreas – Artes, Filosofia e Ciências –, articularam-se com a produção do desejo para um modo de aprender inaugural.

Por meio daquilo que a alimentou, ou seja, as subjetivações, a personagem transformou-se novamente, agora em *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*. Ela concebeu que “a produção de subjetividade constitui matéria-prima de toda e qualquer produção” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 36). Assim, a necessidade de assumir o estado de cartógrafa fez com que ela traçasse alguns desvios, de modo a acompanhar os processos que foram emergindo, seus momentos de mudança e sua implicação em tal contexto educacional. Ela misturou, em parte, um quantitativo estudantil: trechos do diário de campo, oficinas, perguntas dirigidas aos alunos nessas oficinas, escritos produzidos por eles – das linhas dos cadernos que foram, por ela denominado –, “inventário de um aprendiz”, além de silêncios e expressões.

Deparou-se com um questionamento sobre a lenda de dissertações e teses, a qual reza que critérios sejam cumpridos e que discursos normativos versem sobre saberes e verdades. Neste pesquisar, intentou que destes fossem extraídos seus graus de parcialidade, que fossem experimentações e que, sobretudo, fabulassem personagens também para os alunos do grupo, fugindo de estereótipos

preconcebidos. Por isso, ela escavou sua própria permissão para seguir outros contornos no escrever e no fazer as coisas da pesquisa.

Os modos de subjetivação encontrados perfilam por (1) um estudante aprisionado àquilo que é esperado dele, interpelado por condições capitalísticas que o vulnerabiliza; (2) um estudante que traça linhas de fuga às modelizações da sociedade, esculpindo sua existência por microvazamentos de paradigmas educacionais; (3) um estudante que traça ritornelos, em processos de desterritorialização e reterritorialização: ora se encarna em uma representação endurecida (mundo das obrigações), ora vivencia frestas de liberdade (movimentos estudantis), ora fura o tecido das relações com o que lhe afecta (quer um social, um psicológico, um ambiental).

Diante dos movimentos analíticos transcorridos até então, pervertendo a ordem, a personagem, em seu devir-militante-da-escrita, põe-se a cartografar as linhas molares, moleculares e de fuga no cenário da Universidade. Ela transformou-se, então, em *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa que pensa na Educação e na Clínica*. Acompanhou processos dos alunos pelos espaços, territórios, desejos e rechaços, ao mesmo tempo que traçou seus próprios deslocamentos no percurso do pesquisar. Mais uma vez, a arte de fabricar mapas dá a ver os processos. Assim como um rizoma, as subjetivações foram tomadas como dimensões que crescem e que se constituem no intermezzo de seu próprio acontecer. A subjetividade que circundava os diferentes coletivos estudantis, no ambiente universitário, pôde oscilar entre dois polos, como mencionam Guattari e Rolnik (2013, p. 42), “uma relação de alienação e opressão, na qual o indivíduo se submete à subjetividade tal qual a recebe, ou uma relação de expressão e criação, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade”.

Figura 2: Mapa Universidade-Rizoma

(todo mundo) em si mesmo, em sua molaridade” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 76). A Universidade também acolhe um conjunto molar: estruturas que mantêm normatizações.

Cada campus, modos de ser distintos; deficiências das quais falaram os alunos das oficinas e singularidades postas em jogo, que fomentam a necessidade de um momento de distração. Não se ocupar de uma coisa qualquer, mas no vento arejado de uma rápida saída, encontrar elementos, fluídos que façam sentido desde seu interior. Uma máquina para caber em grilhões de devires. Nos encontros e visitas em outras instituições, por parte dos estudantes, existem lugares mais integrados que a Universidade-rizoma: onde há as aulas, há também os estudos, o lazer, o restaurante, a moradia, enfim, uma legítima cidade à parte. Cidade povoada de desertos. Desertos povoados de afetos. Se, como diz Deleuze e Parnet (1998, p. 19), “o deserto, a experimentação sobre si mesmo é nossa única identidade, nossa única chance para todas as combinações que nos habitam”, há um subjetivar que transvasa espaço-tempo, que põe o estudante e a própria *psicóloga-pesquiadora-aprendiz-cartógrafa que pensa a Educação e a Clínica*, em territórios sempre, ainda, inimagináveis, carregados de devir.

Afetos que pedem passagem. Sentada à beira do caminho, a personagem, ofegante, fica por um instante imóvel, espiando os afetos que ali passavam. Transforma-se, enfim, em *Pandora* e revisita suas próprias subjetivações produzidas ao longo dos (des)caminhos, sobretudo seu aprender e seus afectos. Avista uma política inventiva, de encontros provocativos. Sopra um vento rolnikiano que lhe diz: “o contorno de uma subjetividade delinea-se a partir de uma composição singular de forças, um certo mapa de sensações” (ROLNIK, 1999, p. 2). Desse modo, pôs-se a cartografar, vagando e percorrendo territórios de uma vida em meio aos agenciamentos, desacorçoando as formas sedentárias de pensar.

Entende que não se trata de contrapor as relações econômicas e subjetivas, mas de conceber que toda espécie de aprendizado consiste em deslocar-se em todo um ambiente maquínico (a família, a cidade de origem, a infância, o universo das tecnologias). Com isso, a subjetivação estudantil na contemporaneidade pode estar submersa em produções de relações sociais, em que a modelização de comportamentos e de sensibilidades pode assumir a dimensão de subjetivação

capitalística. Percebe-se que, às conexões estudantis que incorporam modos de perceber o que lhe cerca, por meio de mudanças científicas e biológicas, informacionais e midiáticas, ao entrar na Universidade, algo lhes escapa. O que se enuncia poderá “incidir nos pontos de singularidade em processos de singularização que são as próprias raízes produtoras da subjetividade em sua pluralidade” (GUATTARI; ROLNIK, 2013, p. 36).

A personagem, então, tratou de romper barreiras, dando novas dimensões para rijos critérios de avaliação acadêmica, para a incursão de motivações sobre o alto índice de infrequência pesquisado, perpassando pela diversidade sociocultural que o tempo contemporâneo traz à vida estudantil. Problematizando uma sociedade de controle (DELEUZE, 2013a), em seus escapes e resistências, deslizando sobre um devir, sem padrões a serem seguidos, pois “é justamente isso que só se pode aprender na linha de fuga, ao mesmo tempo em que é traçada: os perigos que se corre, a paciência e as precauções que é preciso ter” (DELEUZE; PARNET, 1998, p 52).

Isso seria mencionar a possibilidade de pensar acerca da coabitação de mundos, de muitas universidades dentro de uma Universidade, suas microrrevoluções, assim como suas formas de manutenção de um *status quo*, em que se intente escavar brechas que sirvam de um respiradouro para a existência e para um aprender, haja vista estar-se falando de uma Instituição de Ensino, cujo objetivo precípua seria estudar. Contudo, os alunos, mergulhados em seus guetos, suas lutas, seus narcisismos, muitas vezes escapando de uma família que o rejeita e oprime, findam impossibilitados, por diversas formas, de despender atenção aos seus aproveitamentos acadêmicos e frequência nas aulas. Percebe-se o contínuo índice de não aproveitamento acadêmico de 70% entre os bolsistas da PRAE, por exemplo, condição entendida como indispensável para manutenção de seus estudos.

A subjetividade não se remete à centralização no indivíduo-estudante, mas à produção que acontece em meio aos encontros que se vive com o outro, o qual pode ser o social, a natureza, as invenções, aquilo que cria efeitos nas maneiras de viver. No lugar de trajetórias de uma libido, de uma arqueologia psicanalítica ou mesmo de cartografias freudianas, há de se pensar nos trajetos cartográficos de uma personagem que se subjetivou a cada entremeio do pesquisar. Era preciso tomar um

vento e respirar, sentir o vapor dos rastros que foram sendo deixados ao longo do caminho. Queria liberar algum resquício de representação que pudesse ter escrito. Se “escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador”, como dissera Lispector (2013, p. 183), então, era urgente dar conta do asfixiante vazio que animava a decifração de signos. Sua necessidade se transfigurava, assim, por fazer paradas nas paisagens percorridas nos trajetos dos estudantes e naqueles que lhe encharcavam de devires.

Os alunos e seus movimentos inquietos, vessos, sinuosos, por vezes se portam como baratas tontas sem saber em qual abismo se atirar ou sair. Eles vagam por entre as paisagens empreendidas como máquinas sibilantes e se debruçam no pensamento de *Pandora*. Acostumada a promover a escuta, ela se lança em uma nova virtualidade e ouve as vozes daquilo que está em vias de se diferir. Se o sintoma era visto como a ponta do iceberg de um mundo inconsciente e sombrio, amedrontado pelos traumas, passa a compor, com a função protetora de contemporaneizar o mal-estar e a suportar aquilo que o tempo redesenha. Força de resistência que atualiza diferenças e que tem potencial de transformar um desvigor provisório num desassossego que põe em estado de emergência, o novo. Ganha fôlego para uma Clínica capaz de reafirmar a heterogeneidade das subjetividades.

Figura 3: Mapa das subjetivações de uma psicóloga



Fonte: Osorio, 2016.

O espaço composto por trajetos forma um mapa extensivo, o qual deve ser compreendido em conjunto com o mapa intensivo, das densidades e dos devires que se passam entre as paradas no caminho.

4 A ARTE DE COMPOR MAPAS

Em nossas pesquisas cartográficas, atentamos para os modos subjetivos e suas doses intensivas de afectos que nos infiltravam pontos de fissura na forma

habitual de fazer ciência em Educação. Por vezes, ficamos à deriva; em outras, à espreita dos signos. Nessa direção, emergiu a necessidade da criação de personagens que perpassaram por variados papéis, que, experienciados no ato de escrever, deram vazão ao devir. Afinal, “devir é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto, e assim, mais povoado” (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65). Entre uma *professora-pirata* e uma *psicóloga-pesquisadora-aprendiz-cartógrafa*, naufragaram desejos e potência de vida.

Nas sendas deleuze-guattarianas, talhamos em movimentos de desconstrução e reconstrução dos territórios, como se experimentássemos um corpo sem órgãos (CsO) que comportasse uma reorientação constante. O CsO, é “o campo da imanência, o plano da consistência própria do desejo (ali onde o desejo se define como processo de produção, sem referência a qualquer exterior, falta que viria a torná-lo oco, prazer que viria preenchê-lo)” (DELEUZE; GUATTARI, 1999, p. 14) Percebemos, com mais força, o corpo que cansa em uma enxurrada de papéis que se vive nos dias da atualidade, sobretudo o corpo em potência de agir.

Assim, nos interstícios dos espaços produzidos, com múltiplas saídas, os mapas destas pesquisas surgem como algo que vaza o desejo, transfigurando-se produtivos ao passarem por uma experimentação fundada no real. Diferente do decalque, “o mapa não reproduz um inconsciente fechado sobre ele mesmo, ele o constrói. Ele contribui para a conexão dos campos, para o desbloqueio do corpo sem órgãos” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Por meio de blocos de sensação – perceptos, afectos e vazios (DELEUZE; GUATTARI, 2012; 2013) das linhas rizomáticas, eles foram se circunscrevendo como algo novo se produzindo.

Isso também provocou mudanças nas personagens. Estilhaços investigatórios foram agregando sentidos; uma pesquisadora aprendiz, que se desenvolve cartógrafa, que pensa na Educação e na Clínica. Uma professora que experimenta, em seu *biografemário*, compor com as multiplicidades que escoam de seu fazer docente em meio a uma vida que pulsa. Se é transformando que se conhece – embora não se saiba previamente como alguém aprende –, adentrarmos no mundo de subjetivações de quem pesquisa, dos alunos, das oficinas e de suas escrituras faz com que entendamos que estas podem transbordar o imaginário da linguagem,

desocupando territórios que evoquem identidades para que desejos sejam liberados nos movimentos entre os corpos.

Buscamos, nas Filosofias da Diferença, uma aprendizagem inventiva, capaz de pensar no próprio pensamento e criar problemas. A invenção não é um processo psicológico a mais, além da linguagem, da cognição, mas uma potência temporal de diferenciação que o perpassa. “Criada a partir dos acoplamentos com as forças do mundo” (KASTRUP, 2005, p. 1275), nossas aprendizagens não seguiram a ordem de estruturas preexistentes. Em estado de ebulição, encontraram-se larvas de outras formas de existência, prontas a eclodir num processo de proliferação de sentidos: novos modos de sentir, pensar, agir, ser, estar, escrever. Entre lampejos de linhas escritas, folha após folha, lapiseira, teclado, ensejou a necessidade das palavras. “Numa palavra, o fundo vibra, se enlaça ou se fende, porque é portador de forças apenas vislumbradas” (DELEUZE; GUATTARI, 2013, p. 215).

Aprendemos com os mapas. Eles constituíram-se por dois planos: o de trajetos, lugares de paradas, e o do campo das forças que passam. Como cartografar as subjetivações (de alunos, da personagem) em interface ao(s) seu(s) aprender(es)? Como acompanhar esse processo? Realidades que se movem nas multiplicidades de sua natureza de continuidade. As personagens foram invadidas pelos signos que povoaram sensações, dando visibilidade aos percursos, em forma de cartografias. Trajetos e devires foram mapeados considerando seus recuos, desvios, velocidades e constelações afetivas permitindo dar sentido às experiências. Logo, “como os trajetos não são reais, assim como os devires não são imaginários, na sua reunião existe algo único que só pertence à arte” (DELEUZE, 2013b, p. 89).

Ao mapear, constituímos imagens ao pensamento bombardeado por signos que deram uma nova dimensão espaço-tempo à pesquisa. Não se trata de representar, mas de uma necessidade de pensar no próprio pensamento (DELEUZE, 2000), fruto do processo de um aprender pelos caminhos desse pesquisar. Eles não são como uma imagem dogmática, tampouco um cogitar de algo natural e de uma boa vontade, ou uma busca para problemas já feitos, mas tratam do campo da experiência (TEDESCO; SADE; CALIMAN, 2014) de inventar, no plano coletivo compartilhado entre alunos e a personagem. Dessa forma, ao pensar em fazer com que as coisas

adquirissem consistência de uma vida, deparamos com o movimento do viver e com sua expansão, assumindo uma potência criadora.

Uma professora e uma psicóloga são compelidas a pensar suas práticas no âmbito da Educação, por meio de suas pesquisas e dessa ferramenta-mapa que viabiliza força ao ato de mirar seus processos de subjetivação, distanciando-se da centralidade de um indivíduo e aproximando-se das intensidades que as transformaram. Como em uma distração das falas acostumadas e representacionais de algo já existente, fizemos outras relações, dizendo o que já não podia dizer. Tentamos criar brechas para outros modos de articulação com a escrita, a leitura, a vida.

Aprendemos, desse modo, desgarrando-nos de impedimentos cognitivos, para inaugurar jeitos outros de produzir algo, de ler e de escrever. Pensamos que a palavra, o dito e o não dito, na voz e nos silêncios dos discentes, das oficinas, abrem direções. Uma professora que escreve em seu *biografemário* ao ensinar em Oficinas de escrituras junto às crianças. Uma psicóloga que adentra no mundo dos jovens universitários em meio aos fastios de solidões que os potencializam, liberdades que o vulnerabilizam, corpos que se esgotam no mundo acadêmico. Escreitoras inventoras de mundos em meio à vida!

Assim, diante da necessidade de pesquisar modos de subjetivação por entre a um emaranhado de linhas endurecidas, que reproduzem exaustivamente o mesmo, regidas, muitas vezes, por fascismos seculares, nesse estado emergente de relações subservientes ao capitalismo, torna-se pungente irrigar a pesquisa em Educação por meio de fios mais flexíveis e capazes de tramar um mundo em metamorfose. Nessa direção, navegamos pelo fluxo sensível do método cartográfico.

CARLA GONÇALVES RODRIGUES

Psicóloga. Doutora em Educação. Professora Associada no Departamento de Ensino da Faculdade de Educação e professora permanente do PPGE/UFPel.

JOSIMARA WIKBOLDT SCHWANTZ

Pedagoga. Mestra e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel.

LISANDRA BERNI OSÓRIO

Psicóloga na Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPel. Especialista em Psicoterapia de Orientação Analítica. Mestra em Educação (UFPel). Doutoranda em Educação no PPGE/UFPel.

REFERÊNCIAS

ADACHI, A. A. C. T. *Evasão e evadidos nos cursos de graduação da Universidade Federal de Minas Gerais*. 2009. 214f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/HJPB-7UPMBA>. Acesso em: 02 jan. 2015.

BARROS, M. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

CALVINO, I. *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CÉSAR, J. M.; SILVA, F. H; BICALHO, P. P. G. O lugar do quantitativo na pesquisa cartográfica. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p.153-174. v. 2.

CORAZZA, S. M. *Projeto de pesquisa: Escrita: um modo de “ler-escrever” em meio à vida*. Plano de trabalho. OBS da Educação. Edital 038/2010. CAPES/ INEP. Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, setembro de 2011.

DELEUZE, G. *O ato de criação*. Tradução de José Marcos Macedo. *Folha de São Paulo*: Caderno Mais, São Paulo, jun. 1999. p. 4.

DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.

DELEUZE, G. *A ilha deserta: e outros textos*. São Paulo: Iluminuras, 2006.

DELEUZE, G. *Proust e os signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2013a.

DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. São Paulo: Editora 34, 2013b.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: editora 34, 1995. v. 1.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v.3. Tradução Aurélio Guerra Neto, et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é Filosofia?* Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G.; PARNET, C. *Diálogos*. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

GUATTARI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 12. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

KASTRUP, V. Políticas cognitivas na formação do professor e o problema do devir-mestre. *Educação e Sociedade*. Campinas, v. 26, n. 93, p. 1273-1288, dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302005000400010&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 01 mar. 2019.

KASTRUP, V. *A invenção de si e do mundo: uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LISPECTOR, C. *As Palavras*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

LUDKE, M., ANDRÉ, M. E. D. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OSORIO, L. B. *Subjetivações em meio à vida universitária: aprender inventivo num tempo de esrileituras*. 165f. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Educação, Pelotas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/bitstream/prefix/2945/1/Rafael%20Marreno%20Brignol_Dissertacao.pdf> Acesso em: 03 ago. 2019.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2014.

ROLNIK, S. Novas figuras do caos: mutações da subjetividade contemporânea. In: SANTAELLA, Lucia; VIEIRA, Jorge Albuquerque (Orgs.). *Caos e Ordem na Filosofia e nas Ciências*. São Paulo: Face e Fapesp, 1999.

SCHWANTZ, J. W. *Biografemário de um aprender: esrileituras em meio à vida*. Pelotas: Ed. UFPel, 2017.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer. In: PASSOS, E.; KASTRUP V.; TEDESCO, S. (Orgs.). *Pistas do Método da cartografia: a experiência da pesquisa e o plano comum*. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 92-127. v. 2.